

Histórias da infância



ELENIR ALVES
organizadora

poemas,
contos e crônicas

ORGANIZADORA

ELENIR ALVES

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Elenir Alves

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Projeto AutoEstima

ISBN: 978-65-00-53535-8

2022

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO
POEMA, CONTO OU CRÔNICA

O vestido, por Ana Beatriz Carvalho, pág. 05

Experiências transformadoras, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 09

A escola Rural Santa Rosa: O tempo corrói, a memória guarda e zela, por Breno Santos, pág. 11

Curious, por Célia Cristina Marques de Oliveira, pág. 14

São irmãos, por Célia Cristina Marques de Oliveira, pág. 16

Tucumã, por Célia Cristina Marques de Oliveira, pág. 18

Minhas aventuras, por Denise Marinho, pág. 20

Sonhos de criança, por Denise Marinho, pág. 23

Criatividade infantil, por Edson Corrêa, pág. 26

Pintinho não voa, por Edson Corrêa, pág. 30

Pinguilim beijocorima a história, por João Brasileiro Kitongo, pág. 35

Pinguilim beijocorima, por João Brasileiro Kitongo, pág. 41

Tonico Saravázinho, por João Brasileiro Kitongo, pág. 44

Viver para brincar e brincar para viver, por Marilei de Abreu, pág. 46

João e Alexander, por Roberto Schima, pág. 50

Eu, pequena, por Suelen Farias, pág. 54

As duas galinhas amigas, por Vânia Lúcia Malta Costa Catunda, pág. 57

Marcelinha e a dona joaninha, por Wanda Rop, pág. 60

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, pág 62

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - Elenir@cranik.com



ELENIR@CRANIK.COM

WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM



O grande livro que sempre me valeu e que aconselho aos jovens, um dicionário. Ele é o pai, é tio, é avô, é amigo e é um mestre. Ensina, ajuda, corrige, melhora, protege. Dá origem da gramática e o antigo das palavras. A pronúncia correta, a vulgar e a gíria. — Cora Coralina

Nota: Trecho do poema "Voltei", do livro "Vintém de cobre: meias confissões de Aninha". 6ª ed., São Paulo: Global Editora, 1997, p. 127.



APRESENTAMOS O CONTO

O VESTIDO

Por Ana Beatriz Carvalho

Escritora brasileira. Educadora com especialização em Direitos Humanos e mestrado em Políticas Públicas. Associada titular da Casa de Sonhos. Sua produção literária reúne contos, sonetos, cartas, poemas e prosas poéticas. Vários de seus trabalhos foram selecionados para Antologias e Coletâneas. Membro do Clube do Contista (Helena Sylvestre), aluna do curso A Arte da Escrita (Eny Souza) e associada da Literarte (Izabelle Valladares). Autora do livro Contos de uma Mulher Feliz: viver para crer que tudo é bom, belo e necessário.



Abriu os olhos ao acordar com um sorriso estampado na face. Naquele sábado realizar-se-ia a festa tão esperada por todos: o casamento do rapaz mais bonito da cidade. Ela estava radiante com a excelente oportunidade de usar o seu vestido novo.

Mais do que a celebração da união de um casal jovem, o evento transformara o humor, os diálogos e as preocupações da comunidade da região. Era uma raridade ocorrer festejo de igual porte naquela pequena cidade do norte do Piauí. Todos viviam a cerimônia do matrimônio antes mesmo de ser realizada.

Lugar de povo simples, as diversões eram correr atrás das borboletas, pular no riacho, imitar os passarinhos, ordenhar as vacas, juntar pedras de diferentes formatos e tamanhos e contar com a imaginação para criar jogos em parceria com a natureza. Tudo muito simples, mas de autenticidade irrefutável.

A menina de 10 anos levantou-se da cama no dia das núpcias contando os segundos para usar o vestido que lhe fora oferecido por ocasião das doações feitas pela igreja ao povoado.

Fez o desjejum entusiasmada, imaginando-se a desfilar na rua com o seu encantador vestido de segunda-mão.

Decidiu estendê-lo no varal para que recebesse uma lufada de ar fresco e, concentrada na tarefa, ouviu a suave voz da tia que chamava no portão: “ô de casa!”

Como de costume, a menina correu ao encontro da tia para recepcioná-la com um abraço carinhoso.

— “Como está crescendo, minha sobrinha amada!”

— “Um dedinho para alcançá-la, minha tia querida!”

Abraçadas, dirigiram-se para o quintal. Lá chegando, a tia se viu imobilizada, tomada de fascínio pelo belo vestido pendente no varal.

— “Obra de arte! Como gostaria de ter um vestido como esse para o evento de hoje... não irei à festa. Não tenho o que vestir. Há muitos anos não compro roupas...”

A menina sensibilizou-se. Fixou a sua mirada nos olhos tristes da tia e reparou o que antes não tinha notado: a tia idosa estava ainda mais velha, mais franzina, com acentuadas rugas reveladoras das dificuldades enfrentadas para superar os desafios diários.

Sentaram-se no cepo da árvore encostado na parede e teceram prosa animada, até que a tia se levantou para retornar a casa.

Acenou para o vestido em um misto de reverência, admiração e apelo, como se estivesse falando com uma pessoa muito importante:

— “Bendito seja, belo vestido, por me inspirar... sonhei acordada... imaginei-me desfilando pelas ruas da cidade decorada por sua formosura. Eu? Mais bela, mais jovem, mais cheia de vida, estimada pelos conterrâneos...”

A menina bondosa não mais conseguiu esquecer o semblante da doce tia, simultaneamente angustiado e sonhador.

Quedou-se entristecida ao pensar que a tia não iria à festa que tanto desejava.

Movida pela bondade própria de sua natureza amorosa, recolheu o vestido suspenso no varal, guardou-o com delicadeza numa sacola e seguiu decidida a cumprir o que sugeria o seu coração.

Andou léguas sem descanso até chegar à casa da tia. Mal a porta se abriu, sem dizer qualquer palavra, mas com um sorriso estampado nos lábios, a menina entregou à tia o vestido que até há pouco era a causa da sua euforia de menina envaidecida.

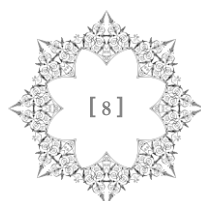
Sem entender aquele gesto, a tia tomou a sacola, a abriu e dela retirou o belo vestido que lhe arrancara suspiros na ocasião da visita à sobrinha. Surpresa agradável! Contento, primeiro abraçou o vestido e, em seguida, tomou a menina em seus braços para que ambas rodopiassem animadas e sorridentes.

A menina bondosa regressou a casa satisfeita. Cumpriu um apelo do coração. A alegria da tia sobrepunha-se à sua vontade de ir à festa trajando o vestido novo.

Anoiteceu e os seus familiares se dirigiram ao grande acontecimento: as bodas há tempos aguardadas.

No silêncio de seu quarto, a menina apaziguada elevava-se com o amor desinteressado expresso na prenda oferecida, enquanto na festa, a tia circulava exultante, adornada pelo amor da sobrinha.

Todos olhavam admirados aquela mulher rejuvenescida: mais que um vestido formoso, ali reluzia a bondade da menina, presente ainda que ausente.



APRESENTAMOS O POEMA

EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADORAS

Por André Luiz Martins de Almeida

Nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro. Mora em Queimados desde a infância, mas já morou em outro estado como Rio grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na E.E.Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Militar desde 1988, atualmente está na reserva da MB e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Publicou primeiro livro "Antologia Poética - Aspirações de um Discípulo" em 2019 e "Antologia Poética - Exortações Inspiradas" pela Drago Editorial em 2020 e "Adoração Poética" pelo sistema KDP da Amazon em 2021.



O que tenho para contar de histórias,
São as diversas brincadeiras de infância aleatórias,
Das experiências transformadoras e algumas escapatórias,
Situações adversas, como também de arteirices vexatórias.

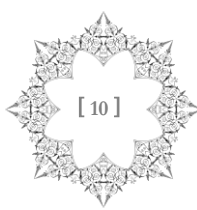
Todas as brincadeiras de infância são experiências transformadoras,
Cada atitude, gesto e mudança, são para o caráter formadores. **(1)**
As crianças na infância de suas personalidades são geradoras,
Tudo o que produzem, geram adultos ativos e pesquisadores.

As histórias são de outra pessoa, para um tipo de gênero literário,
Que se encaixariam narrativamente e totalmente contrário,
São reais e não posso envolver-me com meu comentário.
Pois obtive sua permissão, para ler seu antigo inventário!

São tantas experiências, que para escolher tive dificuldade!
A **“Roupa de papel”**, fantasia de Carnaval que se rasgou na cidade,
O **“Chute na lata”** cheia de dinheiro, que se espalhou e o homem a arma apontou com
ferocidade,
Mas todas as outras não tiveram graves consequências e atividades
Que foram vividas, sentia sensações muito boas e felicidades!

**Nota do autor: (1) — “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como
menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas
próprias de menino.”**

(I Coríntios 13:11)



APRESENTAMOS A CRÔNICA

A ESCOLA RURAL SANTA ROSA: O TEMPO CORRÓI, A MEMÓRIA GUARDA E ZELA

Por Breno Santos

É de Carlos Chagas no Vale do Mucuri, participou dos movimentos culturais da cidade, foi músico e diretor da Lira Macionilio Rodrigues, se graduou em Administração e trabalha com desenvolvimento rural, assessora organizações da agricultura familiar, seus empreendimentos e negócios, principalmente na comercialização, comunicação e marketing. É um agricultor cumprindo outro papel. Gosta de relatar suas memórias e o cotidiano da vida, de pessoas comuns e de realidades que fazem a vida pulsar.



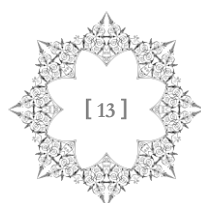
Minha primeira escola não existe mais, apenas sinais de sua base e de seu piso restam no meio do pasto, como uma clareira, que o tempo não teve tempo de apagar. Ainda no mês passado passei por lá e, tantas quantas vezes passo, me encho de saudades. Lembro-me muito vagamente de meus primeiros momentos na escola, muito embora alguns fatos ainda estejam muito vivos e de um deles não me esqueço.

Segundo uma amiga (para a qual mostrei a imagem do local): “Sua escola é muito mais bonita em sua memória do que na foto”. De fato.

Era uma escola rural. Multisseriada. Naturalmente que à época este nome nem fosse usado, mas sei que se misturavam em uma mesma sala os pequeninos — como eu — e os grandalhões e grandalhonas. Éramos em três lá de casa, eu e os meus dois irmãos mais velhos. Eu tinha seis anos na época. O certo é que fiquei pouco tempo devido à meninice e lá não havia pré-escola. No ano seguinte fomos para a cidade. Andávamos cerca de 1 km para chegarmos até lá. Era uma sala só à beira da estrada — onde brincávamos e corríamos desembestados na hora da merenda. Algumas brigas também. E em uma delas eu estava envolvido e contei com uma guarda-costas.

Tinha uma menina que tinha mais ou menos a minha idade, talvez fôssemos os únicos mais novos, fizemos amizade e, por conseguinte, como afinidades óbvias, nos afeiçoamos. Na saída da escola, no encerramento das aulas, íamos pela estrada e aconteceu que um destes grandalhões, quisera me pegar de porrada. Não sei por qual motivo eu estava envolvido nesta peleja, já que era pacato, tímido e chorão. Não me lembro por mais que cutuque as lembranças. Estávamos em um bando de uns quinze, creio. Menino de roça, mas acho que também os da cidade, tinham e conservam esta mania de “pegar luta”. Ela e nós íamos em uma direção e o brigador em outra. Mas ao invés de seguir o rumo dele, veio na nossa direção, ou melhor, na minha busca, pode ser que o tenha provocado ou já havia “um te pego lá fora” durante a aula. O certo é que quando ele veio se aproximando de mim, ela atravessou a rixa e o empurrou para fora da estrada e ele capotou dentro do capim — que estava alto. Como aquela pessoinha tinha

tanta força e coragem me impressiona. Talvez seja o elemento surpresa e ele não esperava de uma menininha tal atitude. Não sei o que aconteceu depois, mas imagino que a turma do “deixa disto” chegou, retirou o brigão do meio do mato e acalmaram-se os ânimos e cada um tomou seu rumo. E eu me livre. Grato eternamente pela defesa.



APRESENTAMOS O POEMA

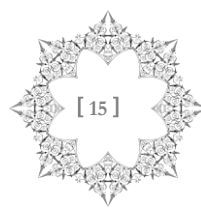
CURIOU

Por Célia Cristina Marques de Oliveira

Nasceu em 08 de outubro de 1979 em Queimados, Rio de Janeiro. Mora em Porto Velho no estado de Rondônia desde o ano de 1993. Formada em Pedagogia. Possui poesias lançadas (Bora lá Cúria e Agora sou Eu), poesias de Isolamento, Editora Inovar, poesias (Hoje e Pingo) no Sarau (Des) Anonimato, (vai amor) na Antologia Nacional Poetas da Madrugada, poesia, contos e crônicas delas para elas da editora Inovar, (Um grito de Mulher), Antologia Nacional vol. IV Poesias ao vento (Amor, O mãe e são tantos sentimentos), Antologia Poética da editora frutificando (Paisagens de dentro).



Se já curiou
deixou a caçamba
na beira do poço
correu com gosto
de ver o pai chegar
aquele (a) pequenino (a)
pulando querendo abraçar
o pai se curva naquela alegria
lembrando que um dia
sua cria vai voar
como toda criança
que tem na memória
uma lembrança
de um agrado ganhar
bala, pirulito ou bolo salgado
ele espera encontrar
chegando em casa na porta
da sala ele começa anunciar
viajei tantas léguas
retornei com pressa
para com a família estar



APRESENTAMOS O POEMA

SÃO IRMÃOS

Por Célia Cristina Marques de Oliveira

Nasceu em 08 de outubro de 1979 em Queimados, Rio de Janeiro. Mora em Porto Velho no estado de Rondônia desde o ano de 1993. Formada em Pedagogia. Possui poesias lançadas (Bora lá Cúria e Agora sou Eu), poesias de Isolamento, Editora Inovar, poesias (Hoje e Pingo) no Sarau (Des) Anonimato, (vai amor) na Antologia Nacional Poetas da Madrugada, poesia, contos e crônicas delas para elas da editora Inovar, (Um grito de Mulher), Antologia Nacional vol. IV Poesias ao vento (Amor, O mãe e são tantos sentimentos), Antologia Poética da editora frutificando (Paisagens de dentro).



Eles eram todos irmãos
Sérgio, Menina de Trança e João Grandão
Assim chamavam os irmãos,
na brincadeira, na loucura à sua maneira

Sérgio era o jogador
Corria atrás de pipa,
com toda alegria e Menina de Trança
o acompanhava em suas estripulias

O grande sonho da Menina de Trança
era ser professora
João Grandão era desengonçado,
um lutador nato e vivia de cantoria

Todos cresceram, mas os sonhos não se perderam
os sonhos que acalentamos
foram direcionados,
para serem felizes de fato.



APRESENTAMOS O POEMA

TUCUMÃ

Por Célia Cristina Marques de Oliveira

Nasceu em 08 de outubro de 1979 em Queimados, Rio de Janeiro. Mora em Porto Velho no estado de Rondônia desde o ano de 1993. Formada em Pedagogia. Possui poesias lançadas (Bora lá Cúria e Agora sou Eu), poesias de Isolamento, Editora Inovar, poesias (Hoje e Pingo) no Sarau (Des) Anonimato, (vai amor) na Antologia Nacional Poetas da Madrugada, poesia, contos e crônicas delas para elas da editora Inovar, (Um grito de Mulher), Antologia Nacional vol. IV Poesias ao vento (Amor, O mãe e são tantos sentimentos), Antologia Poética da editora frutificando (Paisagens de dentro).



Oh, Tucumã!

Cadê a Menina de Trança?

Onde ela está?

Preciso lhe contar da vizinha,

que deixou o cachorro

correr atrás da galinha,

para ela entrar na cozinha

e com jeito capturar.

Oh, Tucumã lembra-se de nossa

jornada, você andando descalça

para todo lugar,

foi justamente naquele dia

que a panela deu cria e

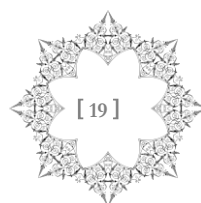
lá a galinha foi parar.

hum...

Que dia!

Lembro da alegria,

de todos sentados à mesa para almoçar.



APRESENTAMOS O POEMA

MINHAS AVENTURAS

Por Denise Marinho

Poetisa, Escritora, Servidora Pública Municipal do RJ e Arquivista - UNIRIO/RJ. Apaixonada por Literatura e Artes. Coautora em Antologias. Membro Titular Correspondente da Academia de Letras de São Pedro da Aldeia - ALSPA, e da Academia de Letras e Artes de Cabo Frio - ALACAF, e Membro Titular da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil - ACILBRAS. Colunista na Revista Digital Casa de Escritores. Detentora de Comendas e Medalhas. Nascida no Rio de Janeiro estudou em escola pública onde fez amizades para toda vida, e recebeu incentivo para expandir sua imaginação e criatividade. Acredita que a arte tem o poder de curar, e levar a transformações positivas. Ama estar em contato com a natureza, família e amigos. E a sensação de liberdade que a Poesia permite vivenciar: Voar, sem sair do lugar. Descobriu e assumiu a poesia que habitava em si durante toda sua vida, abraçou a missão de poetizar, e está cada dia mais feliz levando boas palavras através da sua escrita.



Eu vi uma árvore na praça

Ela é bem bonita e verdinha

Tem raiz, caule e frutos

Tem sementes, flores e folhas

Um dia eu subi nessa árvore bem alta

Eu queria pegar muitas frutas

Fiquei lá em cima um bom tempo

E não consegui descer depois

Que situação a minha!

Eu estava bem assustada

Olhei para todos os lados, para cima e para baixo

De repente deparei-me com um ninho de passarinhos

Eles eram bem pequenininhos

Eles piavam muito, e ficaram me olhando

Eu gostei muito deles e acho que gostaram de mim

Desci da árvore com ajuda dos meus pais

Finalmente eles me viram depois de muito me procurar

Não perdi as minhas frutinhas que peguei com muito esforço

E agora tenho meus amigos passarinhos

Todo dia vou visitar e conversar com meus amiguinhos

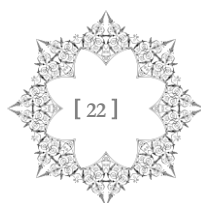
Fico sentada na sombra da árvore

Ouço meus amiguinhos voando e cantando

Eles cresceram e ficaram muito bonitinhos

Eles falam a língua dos passarinhos.

Eu entendo. Somos amigos.



APRESENTAMOS O POEMA

SONHOS DE CRIANÇA

Por Denise Marinho

Poetisa, Escritora, Servidora Pública Municipal do RJ e Arquivista - UNIRIO/RJ. Apaixonada por Literatura e Artes. Coautora em Antologias. Membro Titular Correspondente da Academia de Letras de São Pedro da Aldeia - ALSPA, e da Academia de Letras e Artes de Cabo Frio - ALACAF, e Membro Titular da Academia de Artes, Ciências e Letras do Brasil - ACILBRAS. Colunista na Revista Digital Casa de Escritores. Detentora de Comendas e Medalhas. Nascida no Rio de Janeiro estudou em escola pública onde fez amigos para toda a vida, e recebeu incentivo para expandir sua imaginação e criatividade. Acredita que a arte tem o poder de curar, e levar a transformações positivas. Ama estar em contato com a natureza, família e amigos. E a sensação de liberdade que a Poesia permite vivenciar: Voar, sem sair do lugar. Descobriu e assumiu a poesia que habitava em si durante toda sua vida, abraçou a missão de poetizar, e está cada dia mais feliz levando boas palavras através da sua escrita.



Um dia vou crescer e ficar forte

Quero ter um bom caráter e praticar boas ações

Vou ter um coração generoso e bondoso

Pretendo ajudar a quem precisa.

Aprendi com meus pais a importância da caridade e da família

Quero uma parecida com a minha

Uma casa bem bonita e cheirosa

Um quintal bem grande para receber os amigos.

Meu cachorro vai ter um pelo bem limpinho

Sempre vou cuidar dele com carinho

Aprendi que os cães são fiéis companheiros.

Vou ler vários livros de aventura e poesia:

Para meus filhos e seus bons amigos.

Quero trabalhar naquilo que mais amo

Vou exercer uma excelente profissão

Vou viajar de avião, e criar muitas canções.

Vou viajar de barco, e mergulhar em alto-mar.

Vou ao cinema, ao circo e ao teatro e viverei grandes emoções.

Quero conhecer um estádio de futebol com um lindo gramado.

Quero passear de bicicleta, e participar de corridas atléticas.

Também vou conversar com cientistas, pois tenho várias perguntas.

Sobrando um tempinho vou passear de patins no gelo.

São tantas coisas para viver na vida adulta.

Tomara que o mundo tenha muita paz, e muito amor entre as pessoas.

Quando eu crescer espero realizar meus sonhos de criança.

E quando sentir dificuldade vou falar tudo com Deus

Ele é meu melhor amigo, sempre me escuta.

Essa é a minha oração e pensamentos.

Tenho pouca idade e espero nunca mudar de ideia.

Obrigada papai do céu por ouvir a minha oração.

Agora, vou brincar com meus irmãos.

De amarelinha, elástico e pega-pega,

Amém.

Até breve.



APRESENTAMOS O CONTO

CRIATIVIDADE INFANTIL

Por Edson Corrêa

Nasceu no dia 04 de outubro de 1962, em Votorantim/SP. Profissionalmente se especializou como Técnico Mecânico, na manufatura e após, na área administrativa. Estudou Teologia pela Arquidiocese de Sorocaba, com 50 anos se formou como Gestor Público pela Faculdade Anhanguera. Na década de 1980, escreveu diversas peças de teatro, atuando e dirigindo. Em 2016, se formou radialista pelo SENAC participando como entrevistador do Programa da Rádio Nova Tropical FM – Comunidade em Destaque.



Rogério, com seus 7 anos morava com seus pais e mais 3 irmãos, sendo um casal mais velho do que ele, e uma irmã mais nova. Residiam numa cidade do interior do Estado, num bairro que se originou de uma vila operária.

Mesmo na simplicidade, sem grandes comércios, o bairro era bem servido em quase todos os ramos comerciais, estes atendiam a necessidade da comunidade.

Rogério sempre estava do lado de seu amigo Arnaldo, de mesma idade, que morava duas ruas de distância de sua casa. Se identificavam em seus desejos, principalmente, do que gostavam de brincar, ambos não se prendiam a jogos eletrônicos, gostavam de estar criando histórias e construindo seus próprios brinquedos.

— Rô, vamos brincar de reboque? — Perguntou Arnaldo.

— Como assim? O que é isso?

— Sabe a minha bicicleta?

— Sei, o que tem?

— Nós amarramos uma corda no seu carro (Rogério tinha um carro de pedal, do qual gostava muito de arremedar seu pai quando dirigia) e passeamos na rua de baixo.

A rua de baixo era uma rua de terra que dava acesso a zona rural do município e tinha pouco movimento.

— Gostei! Vamos agora?

— Vamos, pegue seu carro que vou buscar minha bicicleta e a corda — falou Arnaldo, saindo correndo para sua casa.

Em menos de 5 minutos os dois se encontraram na rua de baixo. Arnaldo amarrou a corda na traseira de sua bicicleta e outra ponta na frente do carro. No início, foi pesado para Arnaldo conseguir movimentar o carro, mas depois de vencer as primeiras pedaladas, aumentando a velocidade, ficava mais leve o reboque.

Rogério dava risada, se divertia, nunca correu tanto com seu carro. Agora, não imaginava ser seu pai, mas, um grande piloto.

Arnaldo, mesmo com tenra idade, tinha muita habilidade com sua bicicleta, sabia que em estrada de terra não pode estar freando forte, pois poderia deslizar, como havia uma curva entre 90 a 120 graus, decidiu não frear, só que a corda não acompanha a curva,

fazendo com que o carro batesse no barrando lateral e tombasse. Rogério instintivamente largou o volante deixando-se rolar pela terra, nisso o carrinho de pedal ficou com a rodas para cima, sendo travado nas irregularidades da rua. Arnaldo não esperava essa parada brusca, tudo é física, a bicicleta parou e ele, impulsionado pela velocidade, voou por cima do guidão, caindo de boca no chão.

— Ai, ai, ai — Arnaldo choramingando, sentou-se no chão limpando a boca. Sua sorte foi que a estrada tinha pouco pedregulhos e muita areia fina, amortizando a queda.

Em contrapartida, Rogério morria de rir com a aventura.

— Vamos de novo, vamos? — Gritou Rogério para Arnaldo que se encontrava no chão.

— Não quero mais, doeu muito!

— Ah, estava tão gostoso.

Decidiram ir embora, mesmo com os pedidos do Rogério. Como era final de tarde, cada um foi para sua casa.

A amizade dos dois era sincera, sem combinar, tinham a certeza que depois do almoço iriam estar juntos, porque ambos estudavam no período da manhã.

No dia seguinte Arnaldo chega de bicicleta na casa do Rogério.

— Oi Rô, o que você vai fazer agora?

— Nada, por quê?

— Não sei, o que vamos fazer então?

Rogério mostra seu antebraço esquerdo para Arnaldo.

— Você tem esse pelote? — Rogério usava esse substantivo para designar uma verruga em seu antebraço.

— Deixa eu ver! — Arnaldo curioso, se aproxima olha, aperta — Dói, Rô?

— Não, não dói.

— Que engraçado, eu não tenho.

— Por que será que eu tenho?

— Sei lá!

— É feio, eu não gosto disso, não!

— Tenho uma ideia!

— Qual? O que você está pensando?

— Venha comigo.

Foram até o quintal e Arnaldo colocou sua bicicleta de ponta cabeça no chão, apoiada pela seleta e o guidão.

— Olhe, é o seguinte, vou virar o pedal com a mão e você encosta o braço no pneu, vamos ver se sai isso do seu braço?

— Mas não vai doer?

— Acho que não, apertei e você falou que não dói.

Arnaldo começa a mover o pedal e a roda traseira começa a virar rapidamente.

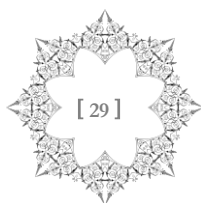
— Vai Rô, esfregue esse pelote no pneu.

Rogério segurando o antebraço com a mão direita foi pressionando-o no pneu. O medo era superior a dor, fazendo uma careta engraçada cada vez que apertava seu antebraço.

— Aí! — Rogério gritou, quando sentiu uma ardência maior, se afastando da bicicleta. Incrivelmente não existia mais a verruga, no lugar apareceu um pouco do couro com pequenos sinais de sangue. Rogério correu para o tanque na lavanderia e limpou o local e apertou com o dedo para parar de sangrar.

— Naldo, Naldo, sumiu a coisa! — Rogério falou alegremente.

Não souberam explicar, mas a verruga foi tirada cirurgicamente e não houve infecção no local.



APRESENTAMOS O CONTO

PINTINHO NÃO VOA

Por Edson Corrêa

Nasceu no dia 04 de outubro de 1962, em Votorantim/SP. Profissionalmente se especializou como Técnico Mecânico, na manufatura e após, na área administrativa. Estudou Teologia pela Arquidiocese de Sorocaba, com 50 anos se formou como Gestor Público pela Faculdade Anhanguera. Na década de 1980, escreveu diversas peças de teatro, atuando e dirigindo. Em 2016, se formou radialista pelo SENAC participando como entrevistador do Programa da Rádio Nova Tropical FM – Comunidade em Destaque.



Sonia chama seus filhos para irem à casa de sua mãe, como de costume. Todos os domingos a família se reunia na casa da avó. Família vinda do nordeste brasileiro através do patriarca, seu Laurindo, na tentativa de melhores condições de vida, com esforço e dedicação, conseguiu dar dignidade à vida dos seus.

Sonia era a décima segunda filha do casal nordestino, casada e com quatro filhos, sendo dois meninos, Francisco e Joaquim, com diferença de idade de um ano entre eles e duas meninas, Maria Antônia e Maria Josefa, a primeira era a mais velha entre os filhos, enquanto Josefa a mais nova.

Dona Arlinda, a matriarca da família, exigia que todos seus filhos e filhas, com suas devidas famílias, se reunissem nos domingos para almoçarem juntos. Nesse sentido a casa, que não era tão grande, ficava com mais de 50 pessoas, mais todos colaboravam para que pudessem conviver e comentar sobre os ocorridos da semana.

Era final da década de 1960, na cidade de Mitnarotov, seu Laurindo com dona Arlinda moravam no bairro de Santa Eulália, um bairro afastado do centro da cidade, era uma vila operária, onde a indústria do local fazia extração de calcário. Já, Sonia, casada com João Alberto, moravam no bairro de Barra Larga, também formado devido a indústria têxtil, dos quais, ambos eram colaboradores da mesma.

Os bairros estavam ligados por uma linha férrea, durante o dia uma Maria Fumaça com seus bondes, interligava da praça bolacha ao bairro Santa Eulália. Era uma diversão, tanto para os adultos como para as crianças — ”passear de trem” — como diziam na época.

— Francisco, onde está você? — Gritou Sonia.

— Eu vi ele no quintal, mãe! — Respondeu Joaquim com seus 5 anos.

— Que será que esse menino está fazendo? — Saiu para o quintal da casa. Nele havia um pequeno gramado, sobre ele um aparador de roupa, de madeira com tela de arame galvanizado, entorno do gramado havia diversas árvores frutíferas, como: mangueira, goiabeira, laranjeira, limoeiro e outros. No fundo do quintal, havia um quarto de despejo, antigamente era o banheiro da casa.

— O que você está procurando, Francisco? — Perguntou Sonia.

— Mãe, quero levar meu carrinho para brincar. — Respondeu.

— Ele é muito grande para levarmos. Vamos, vamos, que temos que levar muita coisa e estamos atrasados — argumentou Sonia.

— Mas mãe — choramingou Francisco.

— Lá na casa da vó tem muita coisa para vocês fazerem e brincarem, vamos, se não iremos atrasar o almoço.

Resmungando, mas obedecendo, Francisco acompanhou a família até a estação ferroviária para pegarem o trem.

— Sua benção, mãe — chegando, Sonia beija a mão de dona Arlinda, como de costume, sendo acompanhada por seus filhos.

— Deus abençoe — respondeu dona Arlinda para cada um que beijava sua mão.

— Vão vocês brincar no quintal. Já cumprimentaram suas tias e seus tios? — Cobrou Sonia a seus filhos.

Depois de pedirem as devidas benções, as crianças foram para fora da casa. A casa era na esquina da única rua, porque ficava fora da vila operária. Ao mesmo tempo que era mais sossegada, tudo que necessitassem, precisavam adquirir na vila, mais ou menos um quilômetro de distância. Ao lado da casa, dona Arlinda mantinha um galinheiro com mais de trinta galinhas, que todo os domingos era um dos pratos servidos. Do outro lado da rua, em frente da casa, seu Laurindo mantinha uma pequena roça. Plantava milho, hortaliças, mandioca e mantinha duas árvores, fruta-do-conde e outra de jaca.

As irmãs se dividiam na cozinha, Sônia adorava cozinhar, enquanto outras estavam ralando o milho verde que os homens já haviam colhidos para fazerem cural e pamonha, especialidade da família.

Imagine o volume das conversas, uma querendo falar mais alta que a outra, mas tudo harmoniosamente. Era uma bagunça onde todos se entendiam.

Após duas horas de trabalho contínuo, levaram as panelas para o quintal, onde havia um “puxado” e abaixo dele, duas grandes mesas, para os adultos poderem almoçar, as crianças sentavam no chão em círculos ao lado dessas mesas.

— Vão chamar as crianças, pedem para elas lavarem as mãos para almoçarmos — pediu dona Arlinda.

Lourival, um dos filhos do casal nordestino se propôs chamá-los.

Ao sair fora da casa, observou algo esquisito no galinheiro de dona Arlinda. Observava que os pintinhos, subiam a uma certa altura e caíam, eram jogados pra cima e caíam. Devagar foi se aproximando do galinheiro.

— Voa, voa, bate as asas — ouviu as crianças falando. — Vamos, bate as asas!

Abriu o galinheiro e encontrou atrás da casa onde dormia as galinhas, Francisco e Joaquim jogando os pintinhos enquanto seus primos e primas corriam atrás dos mesmos para levar a eles.

— O que vocês estão fazendo? — Perguntou bravo Lourival.

— Eles estão ensinando os pintinhos a voar, senão eles vão crescer e ficar igual as galinhas — respondeu Amélia, uma de suas primas, que corria atrás dos pintinhos para levar a seus primos.

— Parem já com isso, vocês irão machucar os coitados — ordenou Lourival.

Levando todos para dentro da casa, levou Francisco e Joaquim até a avó e contou o que eles estavam fazendo no galinheiro dela.

— Seus moleques — reclamou dona Arlinda — vocês vão ver só, vão aprender a ter modo!

Dona Arlinda pegou cada um e deu algumas palmadas nas nádegas, fazendo-os chorar, mais por vergonha do que pela dor.

— Irão se comportar, moleques, que coisa! — Falou dona Arlinda.

— Mais vó! — Tentou se justificar Joaquim.

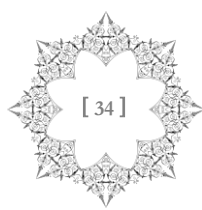
— Não tem nada de mais, o que você aprendeu Francisco? — Perguntou dona Arlinda.

— Pintinho não voa — respondeu Francisco chorando.

— E você, menino? — Falou dona Arlinda para Joaquim.

— Que isso faz doer o bumbum, também — respondeu inocentemente Joaquim, esfregando suas nádegas.

E todos que acompanhavam o caso, caíram em gargalhada e foram almoçar.



APRESENTAMOS O POEMA

PINGUILIM BEIJOCORIMA A HISTÓRIA

Por João Brasileiro Kitongo

Tata do Terreiro de São Jorge filhos da Goméia
Mestre Reiki. Surfista - Mentor do Projeto ASAS - Água
salgada alma sarada. Integração social e
conscientização ambiental - Surf e Poesia. Livros para
Livro e Canto para Cantos - Edição autor 2004.
Selecionado em várias edições coletivas de poesia.
Tchibum o jeito baiano de viver - Facebook page Água
salgada alma sarada - Facebook page
@joabrasileirokitongo



Pinguilim Beijocorima é um pinguim muito esperto e divertido.

Tem três coisas na vida que ele gosta muito.

Querem saber quais são?

Pinguilim adora beijos, cores e rimas.

Ele gosta tanto, que desde bem pequenino decidiu brincar juntando as três paixões numa só.

Por esse motivo, ele ganhou o apelido de Beijocorima, que é igual a beijo mais cor mais rima, tudo junto fica Beijocorima! Em matemática seria (Beijo + cor + rima = Beijocorima).

Todos os dias, Pinguilim distribui uma enorme quantidade de beijos coloridos em forma de poemas.

Como é que ele faz isso?

É simples, vamos acompanhar um dia da vida do nosso amigo Pinguilim e logo ficaremos sabendo!

De manhã, bem cedinho ele acorda ligeirinho, toma seu banhinho, escova o biquinho e seus cabelinhos, veste suas roupinhas, apanha a mochilinha da escola que já tinha arrumado na noite anterior e vai correndo para a cozinha.

É hora de tomar um belo café da manhã!

Seu pai Pinguinaldo e sua mãe Pinguilda o recebem sempre com um caloroso “bom dia!”.

Pinguilim vai logo respondendo assim, “bom dia, para crescer e ficar mais forte a cada dia, temos que ter uma alimentação sadia!”

Todos sabemos que os pinguins gostam muito de peixe.

Pinguilim é muito guloso, ele adora vitamina de sardinha com algas, pão com pasta de siri e principalmente doce de polvo com ostras!

“É preciso bem comer para ficar forte e poder crescer”, diz Pinguilim limpando o biquinho no guardanapo.

Acabado o café da manhã, a sempre atenta e carinhosa mãe Pinguinilda vai logo orientando o filhote “menino está na hora de ir para a escola”.

Pinguilim levanta num pulo da mesa : “Beijinho mainha já vou para escolinha, beijinho painho eu já estou prontinho!”.

Os amigos e vizinhos adoram o Pinguilim.

Os seus poemas em forma de beijos coloridos, são tão engraçados que todos ficam esperando que ele saia de casa para alegrar o seu dia.

Ao abrir a porta da sua casa Pinguilim dá de cara com a sua vizinha: “Bom dia Dona Ursulina Polar! “Um beijo vermelho da cor do seu baton eu lhe desejo um dia muito bom!”

“Bom dia Pinguilim!”, responde D.Ursulina com um sorriso nos lábios.

Seguindo pela estrada Pinguilim passou em frente da venda do Sr Zéleão Marinho,

“Bom dia Pinguilim que verso tens hoje para mim?”.

“Bom dia Seu Zéleão! Um beijo amarelo hoje o dia está tão belo!”, responde sorrindo o nosso amiguinho.

Quando chegou na paragem do ônibus encontrou o seu amigo Foquito.

“Bom dia Foquito, um beijo cor de laranja, para poder ver os teus olhos tens que afastar a franja!”

Foquito tem uma franja enorme, que está sempre lhe tapando os olhos.

Os dois amigos avistaram o Ônibus da escola chegando, quando abriu a porta subiram os degraus com cuidado e foram logo sentados, Pinguilim se virou para o motorista e disse:

“Bom dia Seu Ayrton Rena um beijo azul hoje está fazendo muito frio aqui no Polo Sul, aqui dentro está tãoquentinho que aproveito para lhe dar outro beijinho!”.

“Bom dia Pinguilim é sempre muito bom receber um bom dia assim!”, responde o Sr Ayrton Rena.

Pinguilim e Foquito sempre sentam no banco da frente, assim eles podem ver o caminho e conversar com o Sr Ayrton.

O Sr Ayrton Rena é muito legal e sabe muitas coisas importantes, como por exemplo se vai chover, se vai nevar, se vai fazer sol, qual o peixe que vamos ter para o almoço na escola e muitas coisas mais. Ele é mesmo muito sabido e também é o melhor motorista do Mundo!

Num piscar de olhos estavam na porta da escola.

A tia Corugénia já estava esperando a turma no portão.

É preciso prestar muita atenção e ter muito cuidado na hora de atravessar a rua.

“Bom dia professora, um beijo verde, vou ligeirinho regar as plantas para que não tenham sede!”.

Todos os dias antes de começar a primeira aula, Pinguilim e Foquito regam todas as plantas e flores do canteiro que fica em frente da sala. Não é preciso que ninguém os lembre dessa tarefa, apesar de muito jovens já sabem que cuidar das plantas é muito importante porque são elas que renovam o ar que todos nós respiramos.

“Hoje o tema da aula é a Natureza” anuncia a Tia Corugénia batendo com a varinha no Globo Terrestre.

Vamos falar de plantas, de animais, do Planeta Terra e de como é importante que cuidemos bem da Mãe Natureza que é a Mãe de todos nós.

Pinguilim fica sempre muito atento quando a Tia Corugénia fala, ainda mais sabendo que este assunto é muito importante, no outro dia escutou seu pai dizendo que os homens já tinham maltratado muito a Mãe Natureza e que a esperança estava nas crianças de hoje que por sua vez seriam os homens do amanhã.

Esta última parte, ele não tinha entendido lá muito bem, afinal para que esperar por crescer e virar homem se ele e seus amiguinhos já sabiam que deviam respeitar e cuidar da Mãe Natureza? Os adultos por vezes são mesmo muito complicados, parece até que se esqueceram do que sabiam quando eram crianças!

O dia na escola foi mesmo muito legal! Agora está na hora de ir para a praia!

Pinguilim e Foquito são surfistas, eles se sentem muito bem quando estão no mar!

Depois de passar a rebentação e quando estavam remando para apanhar a primeira onda, uma surpresa! O grande surfista Golfinho Duke aparece remando na mesma onda e logo começou a fazer manobras muito bonitas!

”Boa tarde Duke um beijo azul claro saber surfar assim tão bem é mesmo um privilégio raro!”

“Oi Pinguilim oi Foquito, as ondas estão tão boas o dia está mesmo bonito!”.

Depois de muitas ondas, acrobacias e muitas remadas, era hora de sair do mar.

Duke e seus dois amiguinhos pegaram uma bela onda e foram deslizando e brincando até á areia da praia.

“Nada melhor do que fazer esporte não acham amiguinhos?” pergunta o Golfinho Duke.

“Sim é mesmo muito bom!” responderam os pequenos surfistas muito animados!”.

Nossos amigos se despediram do grande mestre e tomaram o rumo de casa montados em suas bikes com suas pranchas já amarradas. No caminho foram se lembrando de todas as aventuras vividas no seu dia e de quanto tinham aprendido e se divertido!

Chegando no bairro se despediram com um forte abraço e uma saudação secreta de super amigos que eles inventaram e sorrindo foram para suas casinhas.

Depois de tomar banho e fazer um belo lanchinho Pinguilim foi fazer os deveres de casa que Tia Gorugênia tinha passado, era uma pesquisa sobre lixo reciclável.

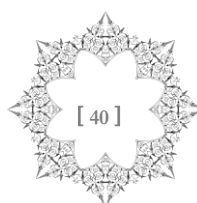
Pinguilim adorou a pesquisa e preparou um breve resumo que iria apresentar na próxima aula, ele é muito responsável com suas tarefas escolares.

O dia já estava chagando no seu final, Pinguilim tinha assistido um pouco de tv com seus pais e já estava prontinho para ir dormir.

Se despediu do seu jeitinho sempre rimando e foi falando já com a voz revelando que o soninho estava chegando.

“Boa noite mainha boa noite painho vou me deitar ligeirinho mas antes vamos dar o nosso abracinho para ter sonhos doces para embalar meu soninho”.

E toda noite antes e dormir é assim, que linda família tem nosso amigo Pinguilim!



APRESENTAMOS O POEMA

PINGUILIM BEIJOCORIMA

Por João Brasileiro Kitongo

Tata do Terreiro de São Jorge filhos da Goméia
Mestre Reiki. Surfista - Mentor do Projeto ASAS - Água
salgada alma sarada. Integração social e
conscientização ambiental - Surf e Poesia. Livros para
Livro e Canto para Cantos - Edição autor 2004.
Selecionado em várias edições coletivas de poesia.
Tchibum o jeito baiano de viver - Facebook page Água
salgada alma sarada - Facebook page
[@joabrasileirokitongo](#)



Em um canto distante do globo
Vive um encantador pinguim
Ele é muito divertido
E tem uma alegria sem fim
Seu nome é Pinguilim Beijocorima
Adora dar beijos cores e falar a rimar
Sua brincadeira favorita
É subir nas árvores do pomar
Quando está em um galho bem alto
Ele fica olhando o mar
E sonha que quando for grande
Vai ter um barquinho para lá navegar
Ele adora o canto dos passarinhos
Faz uma festa quando descobre seus ninhos
E quando eles nascem tão pequeninos
Fica vendo suas mães os alimentar
Beijocorima adora ir na escola
Para aprender com seu professor
Ela já sabe contar até 100
O nome dos animais e o nome de cada cor
Todos os dias espera o por do Sol

Para depois tomar seu leitinho e ir dormir
Antes dá as boas noites a mamãe e ao papai
Para no outro dia acordar a sorrir
Beijocorima é um menino forte e esperto
Porque come alimentos naturais
Respeita e escuta os mais velhos
E adora a natureza e os animais
Ele gosta de ouvir história
E também gosta de as inventar
Beijocorima também gosta de plantas
E de todo o dia as flores regar
Esse é o nosso pequeno amigo
Que embora pequeno já sabe o que é correto
Vai estudar muito para ficar sabido
Para quando crescer fazer tudo certo
E agora é hora de se despedir
Mandando um beijo cheio de cores
Junto com em desenho que ele mesmo fez
De um cesto de frutas com muitos sabores



APRESENTAMOS O POEMA

TONICO SARAVÁZINHO

Por João Brasileiro Kitongo

**TTata do Terreiro de São Jorge filhos da Goméia
Mestre Reiki. Surfista - Mentor do Projeto ASAS - Água
salgada alma sarada. Integração social e
conscientização ambiental - Surf e Poesia. Livros para
Livro e Canto para Cantos - Edição autor 2004.
Selecionado em várias edições coletivas de poesia.
Tchibum o jeito baiano de viver - Facebook page Água
salgada alma sarada - Facebook page
@joabrasileirokitongo**



Tonico Saravázinho

É um menino criado na roça

Adora subir bem alto nas árvores

Nadar na lagoa e pular nas poças

Cresceu no meio da natureza

Esta vida lhe deu saúde e esperteza

Conhece o canto de cada passarinho

E o som de todos os animais

Tonico acorda bem cedinho

Toma o seu banho e se veste sozinho

E corre feliz para a mesa

Para o café da manhã tomar

Tonico cresce com a benção dos Orixás

Aprendendo com os mais velhos a cuidar e zelar

Sabe quais são as folhas e quais as oferendas

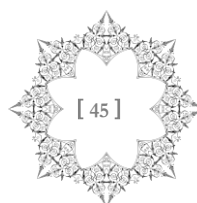
Para agradecer aos Inkissis e ao seu pai Oxalá

Tonico adora tocar tambor

Quer ser mestre de capoeira como o seu professor

Mas o que ele mais ama com profunda paixão

São as festas dos santos no barracão



APRESENTAMOS O CONTO

VIVER PARA BRINCAR E BRINCAR PARA VIVER

Por Marilei de Abreu

Nascida em Pato Branco – PR, Marilei passou a viver em Jaraguá do Sul – SC em 1990 onde teve uma infância muito regrada, contudo ainda assim pode viver boas histórias as quais lhe tornaram a pessoa que é hoje. Sonhadora e romântica daquelas que acredita que o mundo pode se tornar um lugar tão encantado quanto pode ser nas histórias.



Era uma vez uma menina muito alegre e cheia de vida que adorava brincar com uma linda, encantada e enorme pedra, tão grande quanto sua imaginação possa sonhar. A pedra gigante ficava na rua onde a menina morava.

A pedra tornou-se o lugar preferido de todas as crianças daquela rua. E Paulinha tinha um carinho especial por este lugar, ali aconteciam suas melhores aventuras. Pois tão grande quanto a pedra era a felicidade de Paulinha quando podia brincar em volta da pedra.

A turma toda se divertia muito ali na pedra, e suas brincadeiras preferidas eram: pic esconde, pic cola e a brincadeira de pegar. A pedra fazia parte de toda a diversão, era o ponto de partida e a referência para onde voltar.

Paulinha era encantada pela pedra. Mas, seu pai poucas vezes a deixava ir se divertir lá. Ele considerava perigoso! Pois a pedra ficava muito próximo da rua.

Quando seu Nana permitia, os olhos de Paulinha brilhavam de emoção e seu coração se enchia de alegria. Na pedra a menina sentia certa magia.

Pedra não fala, mas essa sorria ao ver Paulinha chegar. A menina e a pedra eram amigas de coração, quando as duas brincavam não faltava diversão.

Era só Paulinha começar a imaginar que a pedra já estava pronta para lhe acompanhar. A brincadeira preferida dessa dupla era brincar de viajar.

Paulinha era o piloto e a pedra o avião, as duas passeavam entre as nuvens, sobrevoavam as florestas e viajavam o mundo inteiro sem sair do chão. A pedra sorria e Paulinha se divertia com sua aventura preferida.

Certo dia, Paulinha foi brincar na pedra com seus amigos, sem pedir a autorização de seus pais. Bem na hora que estava que estava preparada para sair procurar por seus amigos.

Paulinha ouviu seu pai chamando.

— Paulinhaaaaa! Paulinha!

A menina saiu correndo, tão rápido quanto batia seu coração acelerado com receio de levar aquela bronca por ter saído sem permissão.

Ao chegar em casa, encontrou seus pais esperando por ela na varanda. E a menina percebendo os pais chateados, já foi logo explicando.

— Eu gosto tanto de brincar lá na pedra! Porque nunca posso?

Dona Vilma, uma senhora muito tranquila disse:

— Você pode filha! Mas, não a qualquer hora, muito menos o tempo todo.

— Mamãe! Eu só queria brincar um pouquinho.

— Eu sei filha! Mas, não pode sair sem avisar. Seu pai e eu ficamos preocupados, sem saber onde você está.

Então a menina olhou para o pai e disse:

— Papai! Desculpe-me! Não vou mais fazer isso.

O pai, um senhor muito fechado disse olhando nos olhos da menina:

— Paulinha! Você não pode sair sem autorização de seus pais.

— Você é nosso tesouro mais precioso. Entenda, quando se tem um tesouro, deve-se cuidar ao máximo para ele estar sempre protegido. E nós, estamos protegendo você dos perigos que podem existir na rua.

Seu Nana sempre foi um pai rigoroso, logo encerrou o assunto.

— Saiba que te amamos muito e por isso nos preocupamos com tua segurança.

— Agora chega de conversa, vá para o quarto pensar na atitude errada.

O tempo passou, o progresso chegou a “Rua da pedra” E a pedra seria retirada de lá.

Por razões que Paulinha não entendia. Decidiu-se então a pedra explodir. E para tristeza de Paulinha a pedra deixaria de existir.

Então, na tarde do dia marcado. Os moradores daquela rua tiveram que sair de suas casas e a rua foi ficando vazia. Uma explosão é muito perigosa e não pode ser feita com pessoas por perto.

Então, enquanto tudo estava sendo preparado para o momento da detonação, Paulinha, conseguiu um instante de despedida com sua “amiga”, entre os homens que ali trabalhavam, ela se aproximou, sentou-se apoiada com as costas na pedra e chorou. Lembrou-se de tudo o que vivera até ali, as aventuras, brincadeiras e os encontros com os

amigos. Agora a pedra não iria mais participar das histórias que ainda aconteceriam naquele lugar. Chorando abraçou-se na pedra deu-lhe um beijo e saiu.

Quando tudo terminou e os moradores puderam retornar as suas casas. Paulinha voltou ao lugar onde a pedra ficava, e o que ela viu, a fez chorar ainda mais.

Olhando os destroços da pedra espalhados pelo chão, Paulinha teve uma ideia, poderia levar alguns pedaços daquela que um dia fez parte das grandes aventuras vividas por ela e pelos amigos.

E assim, substituiu a tristeza e a dor da perda pela expectativa de poder inventar e criar outras maneiras de brincar com o que ainda existia da pedra. Então, Paulinha aprendeu com seu irmão a jogar Cinco Marias (brincadeira que usa pedras de tamanho aproximado como parte do jogo) e passavam as manhãs de domingo brincando.

Hoje nos encontros de família ainda é possível se divertir na companhia da velha amiga de infância. E agora a pedra com Paulinha pode viajar, levar alegria e ensinar outras crianças a brincar e sonhar.

Enquanto Paulinha era pequena se encantava com a magia da pedra gigante. Agora Paulinha cresceu e guarda pequenas pedras como grande lembrança de sua infância. Na simplicidade de uma pedra a grandeza de um olhar. E brincando Paulinha ainda pode sonhar.



APRESENTAMOS O CONTO

JOÃO E ALEXANDER

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu", "Era uma Vez um Outono" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.



Alexander era um garoto muito rico. Vivia em uma mansão cercado de muito luxo. Tinha muitos brinquedos eletrônicos: robôs, carrinhos de controle remoto, celulares, autorama, videogame, uma nave espacial cheia de luzes, um carrinho elétrico com o qual passeava no enorme quintal cheio de gramados, arbustos e árvores, cercado por um muro alto com grades pontas-de-lança, cerca elétrica e diversas câmeras.

O sistema de segurança na mansão era bastante sofisticado.

Seus pais sentiam muito medo e tinham lá suas razões. Certa vez, um estranho quis levar Alexander embora. Não fosse o aviso de um dos cachorros da casa, teria conseguido. Fora um susto danado.

Um dia, uma das empregadas apareceu na companhia do filho caçula. Era época de férias e ela não tinha com quem deixá-lo dessa vez. Pediu permissão à patroa.

A mãe de Alexander deixou não só que ele ficasse como fosse brincar com seu filho.

O nome do menino era João.

A princípio, tanto Alexander quanto João sentiram vergonha um do outro. João estava mais acanhado, afinal, nunca vira tanta riqueza. Sentiu-se ao mesmo tempo fascinado e oprimido.

Alexander levou-o até a sala dos brinquedos e pôs-se a mostrar o que tinha.

— Ganhei um novo jogo. É de guerra espacial. Quer jogar?

— Eu não sei mexer — disse João. — Prefiro guerra de mamona.

— "Guerra de mamona"? Como é?

E João explicou que juntava ele e uns amiguinhos e iam para um terreno baldio, onde se escondiam e atiravam mamonas uns nos outros. Às vezes, cortavam um galho oco da planta e, com o canudo formado, divertiam-se fazendo bolhas de sabão.

Alexander deu de ombros, sem entender. Afinal, não se misturava com outras crianças, não tinha amigos — a menos que considerasse o seu robô favorito, mas ele só sabia dizer: "Perigo! Perigo! Perigo!"

— Tenho um monte de carrinhos em miniatura. Quer brincar?

— Ah, eu gosto mais de fazer carrinhos com caixinhas de fósforo. Eu e meus amigos pegamos as caixas jogadas na calçada e tampinhas de garrafa na frente dos bares. Depois, fazemos as rodinhas e vemos quem fez o melhor carrinho. No alto da rua, a gente solta para ver qual carrinho chega primeiro lá embaixo. Eu já ganhei duas vezes!

Alexander — herdeiro de um império industrial — tentou imaginar como seria isso, sem sucesso. Porém, uma coisa era certa: nunca tivera nos olhos aquele brilho de orgulho que João demonstrara.

— Então, do que a gente pode brincar? — perguntou o menino rico.

João pensou em meio a tantos brinquedos caros na sala dos brinquedos. Viu o piso de mármore, as tapeçarias importadas, os quadros requintados nas paredes. Então, sentiu-se iluminar por uma súbita idéia.

— Já brincou de esconde-esconde?

— "Esconde-esconde"? O que é isso?

E João explicou, dirigindo-se a uma das janelas e apontando para o quintal, suas muitas árvores e arbustos, imaginando os cantos onde poderia ficar oculto, quem sabe até trepar num daqueles galhos mais grossos, balançar-se neles.

Alexander ficou preocupado:

— Mas a gente não vai sujar as roupas? Não pode se machucar?

João sorriu e falou:

— Quanto mais sujas melhor! Eu tô cheio de machucados... Vamos?

Alexander olhou para seus brinquedos, viu o entusiasmo no sorriso do outro.

Decidiu-se:

— Vamos!

Alexander e João brincaram de esconde-esconde, pega-pega, bolinha de gude — que João trouxera num de seus bolsos —, mana mula e virar cambota no gramado.

Sua mãe ficou horrorizada com o estado das roupas do filho ao fim do dia e os joelhos esfolados. Mas foi sábia o suficiente para perceber que nunca o vira tão animado assim, então, guardou a bronca para si.

Foi a tarde mais afortunada do rico garoto chamado Alexander.

NOTA DO AUTOR:

O presente texto foi originalmente publicado na antologia "Doce Infância", EHS Edições, 2020, organizada por Julliane Santos e Eriberto Henrique.



APRESENTAMOS O POEMA

EU, PEQUENA

Por Suelen Farias

Artesã, casada, mãe de 3 filhos. Mora no Paraná. Desde pequena já demonstrava apresso pela leitura. Recentemente, encontrou na escrita uma forma de expressar todas suas emoções. Por amar tanto histórias, decidiu criar as suas.



Há algumas lembranças
do meu tempo de criança.
Tão singelas, tão simplórias,
mas permanecem na memória.

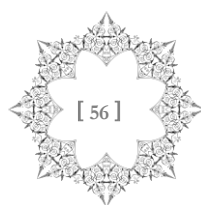
Meu irmão chegou da escola
com um segredo à declarar.
Com muito cuidado abriu a mochila,
um lindo filhotinho saiu de lá.

Eu brincava no quintal,
correndo pra lá e pra cá.
Minhas pernas arderam como fogo,
comecei a chorar.
Meus pezinhos pisavam um formigueiro
e as formiguinhas estavam à vingar.

Outro dia no quintal
eu procurava por joaninhas.
Encontrei várias e de muitas cores,
vermelhas, azuis e amarelinhas.

Papai abriu a porta do carro,
mamãe desceu com um embrulho nos braços.
O que será que tem nesse cobertor rosa? Pensei.
Mamãe se abaixou, então olhei.
Ali a bonequinha mais linda encontrei.
No colo peguei.
No coração amei.

O melhor presente de todos,
nesse dia eu ganhei.



APRESENTAMOS A CRÔNICA

AS DUAS GALINHAS AMIGAS

Por Vânia Lúcia Malta Costa Catunda

Natural de Maceió - Alagoas. Filha de José Inocência Leão Costa (em memória) e de Maria Cleuda Malta Costa. Tem 4 irmãos: nazaré, Glaucia, Cleide e Junior.

Casada com Júlio César Catunda. Não tem filhos.

Médica Neonatologista/Pediatra da Secretaria de Saúde do DF, onde trabalhou por 30 anos no Hospital da Ceilândia. Recém aposentada. Publicou seu primeiro Livro O OLHAR DA VIDA, em fevereiro de 2022, de poesias. Tem participações em algumas Antologias.

Gosta de escrever poesias e contos, dançar, cantar no coral da igreja, viajar, bordar, caminhar e assistir documentários.



Na casa do meu avô paterno, no município de São Bento, em Alagoas, costumávamos passar as férias escolares.

Lá, era reunida a família paterna: meus pais, irmãos, tios, primos e também amigos.

Éramos felizes e andávamos por toda a cidade que possuía um mar calmo, morninho e de águas limpas, às vezes cor azul, às vezes cor esverdeada.

Muitos coqueiros distribuídos por toda a orla da praia e a brisa era constante e gostosa.

Havia muitas casas ao redor e os donos eram comunicativos e simples, estilo interiorano.

Nessas casas tantas plantações de coqueiros, cajueiros, sabugueiros e outras mais.

Criavam galinhas, galos, porcos, cavalos e demais animais. Nosso avô criou cinco tartarugas bonitas, uma para cada filho, num tanque grande e elas eram bem cuidadas por ele e gostávamos tanto delas que oferecíamos mamão nas suas boquinhas. Tudo era tão divertido e sorriamos à vontade.

Às vezes escondiam suas cabeças e nada de comer a comidinha.

Acho que diziam: “Já vem aqueles meninos mexerem conosco!!” Passávamos horas observando os seus comportamentos. Eram as nossas tartarugas queridinhas.

Mas, o que muito recorde eram as duas galinhas amigas, uma de plumagem lindíssima e a outra galinha de pescoço pelado, as duas muito amigas, passeavam juntas, faziam tudo unidas. Elas botavam ovos grandes, só que a do pescoço pelado eram os maiores.

Namoravam tanto com o galo bonitão e nasciam pintinhos, bem lindinhos, sendo que os filhotes também tinham o pescoço pelado. Os filhotes da galinha bonita eram mais lindos também. E isso era motivo de meus irmãos, primos e os coleguinhas da cidade escolhermos para brincar de esconde-esconde e pegar mais os pintinhos da galinha bonita, mas brincávamos também com os pintinhos da outra.

O engraçado era como as duas cuidavam tão bem dos seus pintinhos, protegiam com suas asas. Eram boas mães. E ficavam zangadas, furiosas, voando em cima de cada um de nós por tirarmos os filhotes de junto delas. Havia vezes que caíamos, das rasteiras delas.

E assim, vivíamos as férias com alegria e novidades diferentes da realidade de onde residíamos.

Que tempo maravilhoso!

Tempo que temos saudade e lembranças agradáveis!

Certo dia, minha avó acordou com a ideia de minha mãe cozinhar as duas galinhas, porque elas estavam estressadas, brigando muito, bicando uma a outra e talvez fosse por ciúmes, do mesmo parceiro (o galo).

E assim as galinhas foram cozinhadas à maneira do prato galinha-cabidela.

Chegou a hora do almoço, sentamos à mesa grande, primeiro os mais velhos, depois, os mais novos.

Foi servida a comida e cada um fazia o seu prato com moderação.

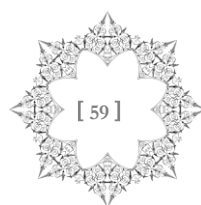
E quando saboreamos pedaços da galinha bonitona e da galinha de pescoço pelado, qual foi a surpresa! E que surpresa!!

A carne da galinha de pescoço pelado era deliciosa, macia e por demais saborosa!

A carne da galinha bonitona era endurecida e mastigávamos com dificuldade.

Diante desse episódio, os nossos pais e os demais familiares nos ensinaram:

“Que as aparências enganam, nem sempre o que é bonito é bom”.



APRESENTAMOS O POEMA

MARCELINHA E A DONA JOANINHA

Por Wanda Rop

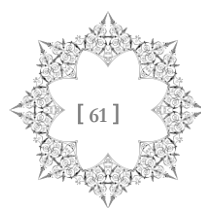
Paulista, residente em Porto Velho-RO, Major PMRO, antologista, poetisa, Formação Curso Superior de Filosofia, cursando último semestre do Curso Superior História, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Acadêmica da A.I.S.L.A, A.L.S.P.A, FEBACLA, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa", "Desejos do Coração" e "TEMPO DE AMAR".



Marcelinha é uma linda garotinha
Que usa vestidos com as cores da joaninha
A dona joaninha adora brincadeiras
Com seu vestido vermelho de bolinhas pretas

É tão linda e delicada
Que encanta a criançada
Marcelinha é uma menina sapeca
Corre, pula, grita e é esperta

A joaninha é parecida com um brinquedinho
Pelo jardim caminha devagarinho
Abre as asinhas coloridas para voar
Voa entre as crianças que estão a brincar



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE:
CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE:

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

SIGA A PÁGINA:

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

CURTA:

WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

CONTATO: ELENIR@CRANIK.COM

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA OS NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:
CLIQUE AQUI**

